



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**A INSTALAÇÃO E EXPANSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ ENTRE O BENFICA E A GENTILÂNDIA, DISPUTAS
ESPACIAIS E MNEMÔNICAS (1956-1967)**

Renato Mesquita Rodolfo*

A UNIVERSIDADE NA CIDADE E NO BAIRRO

A Universidade do Ceará¹ (UC) foi criada em 16 de dezembro de 1954 pela lei número 2.373, assinada pelo então Presidente da República João Café Filho. Entre as determinações que compuseram a lei estava a agregação das seguintes instituições de ensino superior: Faculdade de Direito, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Faculdade de Medicina e Escola de Agronomia (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 1954). A partir daquele momento a recém-criada universidade passaria a ocupar os espaços dessas instituições, até então ocupados de forma independente entre si. Não se afirma com isso que prontamente todas passaram a ser percebidas como pertencentes à Universidade do Ceará, mas aos poucos essa nomenclatura foi sendo vinculada às instituições existentes e se inserindo na dinâmica de ensino superior do período.

* Mestrando em História Social do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, vinculado à linha de pesquisa Memória e Temporalidade, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Gilberto Ramos Nogueira. (renato_rodolfo@yahoo.com.br)

¹ Universidade Federal do Ceará (UFC) a partir de 1965.

Na edição do Almanaque do Ceará² de 1956, aparece pela primeira vez uma referência sobre a Universidade do Ceará (ALMANAQUE DO CEARÁ, 1956: 211). Até a edição anterior (1955), constavam apenas as instituições mencionadas anteriormente, mesmo tendo a universidade sido criada em 1954. Vale ressaltar que nas edições anteriores a 1956 na seção *Estabelecimentos de Ensino* do Almanaque havia uma sequência que se repetia na ordem das instituições mencionadas: “Faculdade de Direito; Escola de Agronomia; Faculdade de Farmácia e Odontologia; Faculdade Católica de Filosofia; Seminário de Fortaleza; Faculdade de Medicina; Faculdade de Ciências Econômicas” (ALMANAQUE DO CEARÁ, 1953: 265-267). Com a primeira menção referente à Universidade do Ceará, na edição de 1956, esses estabelecimentos passaram a ser enumerados em outra seção, “Governo da República” e subseção “Ministério da Educação”, aparecendo na seguinte ordem: “Universidade do Ceará; Faculdade de Direito do Ceará; Escola de Agronomia do Ceará; Escola de Engenharia do Ceará; Faculdade de Medicina do Ceará, Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará; Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo (agregada); Faculdade de Filosofia do Ceará (agregada)” (ALMANAQUE DO CEARÁ, 1956: 211).

Nas publicações do Almanaque do Ceará, ao enumerar os estabelecimentos de ensino superior ligados ao Ministério da Educação e à universidade, vinha uma descrição com os nomes dos diretores e as vezes um breve histórico e o endereço de cada estabelecimento: “Universidade do Ceará, Praça da Bandeira com Senador Pompeu; Faculdade de Direito, Praça da Bandeira; Escola de Agronomia, Bezerra de Menezes; Escola de Engenharia, Praça Fernandes Vieira; Faculdade de Medicina, Praça José de Alencar; Faculdade de Farmácia e Odontologia, Rua Barão do Rio Branco, 1321” (ALMANAQUE DO CEARÁ, 1956: 211). Esses seriam os primeiros espaços físicos ocupados pela universidade. Com a agregação desses estabelecimentos de ensino superior à Universidade do Ceará, institucionalmente o espaço ocupado por estas também passaria a ser ocupado pela universidade. De que maneira essa centralização institucional também foi percebida enquanto ocupação espacial?

² O Almanaque do Ceará foi uma publicação anual que tinha como intenção fazer um apanhado sobre os aspectos Administrativo, Comercial, Industrial, Estatístico e Literário. Essa publicação se manteve ativa entre os anos de 1895 e 1962, passando por diferentes lideranças e responsáveis pela organização, impressão e publicação. O acesso a essas fontes pode ser feito por meio digital (CD-ROM) disponibilizado e produzido pelo Instituto do Ceará, no qual constam todos os volumes publicados entre os anos de 1897 e 1962.

No dia 25 de junho de 1955 foi oficialmente instalada a Universidade do Ceará em solenidade que contou com Assembleia Universitária no Teatro José de Alencar, sobre tal evento Martins Filho assim relatou em seu livro de memórias:

Às 16 horas e trinta minutos do dia 25 de junho de 1955, foi realizada a Assembléia Universitária para a instalação oficial da Universidade. Não compareceram o Presidente da República, no ato representado pelo General Emílio Maurel Filho, Comandante da 10ª Região Militar, nem o Ministro Cândido Mota Filho, que se fez representar pelo professor Jurandir Lodi, Diretor do Ensino Superior, pelo que a Solenidade foi por mim presidida. [...] No mesmo dia 25 de junho, às 20 horas, no Salão de recepção do Náutico Atlético Cearense, realizou-se o banquete oferecido pelos professores às autoridades e convidados especiais, no qual se fez ouvir o ilustre Prof. Dr. Orlando Magalhães de Carvalho, Vice-Reitor da Universidade de Minas Gerais. (MARTINS FILHO, 1994: 400).

No momento de sua instalação, ato que marcava o início das atividades da Universidade do Ceará, as solenidades ocuparam dois pontos referenciais da cidade, o Teatro Jose de Alencar (TJA) e o Náutico Atlético Cearense (NAC). O primeiro era o lugar para onde vinham os grandes espetáculos teatrais e musicais, lugar de grande prestígio dentro da sociedade fortalezense, o segundo era o lugar de lazer preferido dos membros da elite da capital cearense. As pessoas presentes denotavam a significância do evento para as autoridades e a localização demonstrava a intenção de se inserir na cidade. Em sua dissertação de mestrado em História Social, Albertina Pontes cartografou os lugares de lazer em Fortaleza entre as décadas de 1950 e 70, em especial os clubes e agremiações sociais. O Náutico Atlético Cearense, segundo Pontes, era nesse período um dos lugares de lazer preferido da classe média e da elite fortalezense,

Ocupando um lugar de destaque no cenário desenhado pelas elites, o Náutico veio a suprir as demandas de uma sociedade que ansiava por um símbolo de arrojo e modernidade, no qual fossem exteriorizados os valores preponderantes na urbanidade fortalezense. Tão grande a importância que lhe foi atribuída, que a qualidade de ícone passou também a ele associar-se, uma vez que, durante certo tempo, constituiu um dos mais divulgados cartões-postais da cidade (2005: 183).

Desse modo, a escolha do Náutico Atlético Cearense para abrigar o jantar de encerramento da solenidade de instalação da Universidade do Ceará pode ser interpretada como uma ação carregada de intencionalidades, de inserção na dinâmica social de Fortaleza e de aproximação com as pessoas que daquele espaço compartilhavam e usufruíam. Tal qualificação atribuída ao clube, em muito se deve à sua localização na

cidade. Estabelecido na região litorânea e próximo à Aldeota – que a partir da década de 1930 passou a atrair e abrigar parte da elite da cidade – o Náutico representava o espaço do lazer da elite e da classe média alta de Fortaleza.

O Teatro José de Alencar, por sua vez, era o espaço dos grandes espetáculos teatrais que visitavam a capital cearense, assim o situa Pontes (2005). Localizado no centro de Fortaleza e escolhido para receber o momento das solenidades públicas de instalação da Universidade do Ceará, com os discursos de políticos e gestores. Desse modo, a universidade passava a se situar na cidade ocupando espaços que estavam inseridos na dinâmica de cultural e social antes da criação da referida instituição.

Busca-se por meio dessa cartografia dos eventos e das intervenções imobiliárias identificar os fluxos que começaram a circular em torno da Universidade. Tomando de empréstimo o conceito de fluxos e fixos de Milton Santos (2012a): entendendo-se que os fluxos são basicamente as relações, comerciais, econômicas, sociais e culturais; e os fixos são, no caso da cidade, os espaços físicos, edifícios, praças, vias, locais públicos, entre outros. Desse modo, fazendo uso de fixos já estabelecidos, como o Teatro José de Alencar e o Náutico Atlético Cearense, as solenidades e eventos da Universidade do Ceará estavam estabelecendo novos fluxos, que se movimentavam na intenção de se posicionarem no meio de outros presentes.

No dia da inauguração da sede da Reitoria da Universidade do Ceará no Benfica – 25 de junho de 1956 – e no dia seguinte, algumas páginas do periódico *O Povo* vieram com a descrição dos eventos que marcaram a instalação da nova Reitoria. Na edição de segunda-feira, dia 25, além de noticiar que naquele dia seria inaugurada a “Bela sede para a Universidade” (*O Povo*, 25/06/1956: 1), o periódico também informou sobre as atividades do então Ministro da Educação Clovis Salgado em Fortaleza que naquele dia foi ao *Palácio da Luz*, sede do governo do Estado do Ceará e prosseguiu a agenda do ministro da seguinte forma:

Do palácio da Luz o ministro de Educação seguiu em visitas às unidades universitárias, à Escola Industrial e ao Colégio Estadual do Ceará.

A meio dia, houve almoço no Náutico em honra de d. Lia Salgado, digna esposa do ministro Clovis Salgado.

Às 16:30 haverá a solenidade de inauguração da nova sede da Universidade do Ceará.

Às 19:30, na Faculdade de Direito, realizar-se-á uma assembléia universitária, com a presença do ministro Clovis Salgado e professor Jurandyr Lodi, diretor do Ensino Superior.

Às 21 horas no Náutico a Universidade do Ceará oferecerá grande banquete ao ministro e sua comitiva. (O Povo, 25/06/1956: 1 e 2).

No dia seguinte, 26 de junho, *O Povo* trouxe os eventos da referida solenidade de forma mais pormenorizada, com a manchete “Em sua nova sede a Universidade do Ceará” com duas fotografias do “Banquete do Náutico – Flagrantes colhidos á noite de gala por ocasião do banquete oferecido pelo govêrno do Estado e pela Universidade do Ceará ao ministro Clovis Salgado.” (O Povo, 26/06/1956: 1) com continuação da notícia na quarta página dividida em quatro partes, sendo uma delas dedicada ao “Banquete no Náutico”:

A última parte das festas comemorativas do 1º ano da instalação da Universidade do Ceará foi grande o banquete que se realizou no Náutico Atlético Cearense ás 22 horas de ontem oferecido ao ministro da Educação e sua ilustre comitiva.

Contando com o comparecimento das mais ilustres personalidade do nosso mundo sócio-oficial, a brilhante reunião foi de fato a chave de ouro do vasto programa (O Povo, 26/06/1956: 4).

O espaço que o Náutico Atlético Clube ocupava na cidade naquele período se mostra bastante significativo quando se analisam essas fontes e confrontando-as com a afirmação de Pontes (2005). Escolher o mesmo espaço para encerrar as atividades de instalação da Universidade do Ceará, em 1955, no ano seguinte homenagear o Ministro e sua esposa no mesmo dia e em horários diferentes denota o quanto esse lugar era significativo. Usar o Náutico para a realização dessas homenagens era inseri-lo na dinâmica dos eventos referentes às comemorações do primeiro ano de instalação da referida instituição. Mas ao mesmo tempo em que o Náutico era inserido nesse percurso comemorativo, a Universidade também agregava valores para si ao se colocar nesse espaço consagrado dentro de Fortaleza, principalmente pela elite. Ou seja, para uma instituição que estava se firmando na cidade ocupar o Náutico Atlético Cearense com suas solenidades era também se inserir na dinâmica dos clubes sociais que se espalharam por Fortaleza a partir dos anos de 1930 (PONTES, 2005), era se inserir na cidade para além dos meios acadêmicos.

O ponto de partida para formação do que hoje se denomina por Campus do Benfica³ foi a compra do "palacete" da família Gentil e a instalação da Reitoria nele. Ao

³ Bairro vizinho ao centro de Fortaleza, situado ao sul, sua ocupação data de meados do século XIX, nesse período predominavam sítios e chácaras como os principais imóveis. Na virada para o século XX, o

se colocar naquele meio a Universidade encontrou um campo favorável às suas futuras expansões, pois o Benfica estava sendo esvaziado por parte das elites que ali viviam até então. A compra do "palacete" é um exemplo disso, tendo em vista que o referido imóvel era a principal propriedade da família Gentil, que tinha sua fortuna construída por meio da produção de algodão, de negócios bancários e imobiliários (VIANA, 2007).

DISPUTAS PELA MEMÓRIA

O jornal *O Povo* de 25 de junho de 1956 trouxe em sua primeira página uma manchete que dizia “Bela sede para a Universidade” com o subtítulo “Instala-se hoje magnificamente no velho solar dos Gentil – Solenidade” e seguida do fragmento de texto: “O novo prédio da Universidade fica em ampla quadra, encravada nos cruzamentos das Avenidas Visconde de Cauípe e 13 de maio. Era o antigo solar dos Gentil, prédio dos mais amplos, com apuradas linhas arquitetônicas. Fôra adquirido recentemente por cinco milhões de cruzeiros.” (O Povo, 25/06/1956: 1). O fragmento supracitado é curto, mas traz adjetivações acerca do imóvel e de sua localização que são bastante relevantes para a análise. O título da reportagem avalia a sede da Reitoria como “bela” que seria inaugurada naquele dia, ao mesmo tempo em que no subtítulo e no texto qualifica o imóvel enquanto “novo”, para a Universidade, e “velho” para a família Gentil, além de salientar a localização e o valor do imóvel. Percebe-se a qualificação do imóvel a partir dos ocupantes. A mencionada movimentação das elites, saindo do Benfica e Jacarecanga para a Aldeota, é notória na narrativa jornalística. Outro ponto que chama atenção é o referencial que foi usado para localizar o imóvel, o “solar dos Gentil”, denotando que o conhecimento desse espaço era partilhado pela cidade, não só pelo Benfica. O velho, representado pela família Gentil, dando lugar ao novo, representado pela Universidade. O imóvel que outrora representou o poder aquisitivo da referida família estava sendo ressignificado, pois sobre ele recairia também o poder referente à produção do conhecimento. Isso não significa que o referencial que ligava esse imóvel à família Gentil seria esquecido, mas ele passaria a dividir o espaço, de forma simbólica, com a Universidade.

bairro passou a ser ocupado por parte da elite que estava deixando o centro e se fixando no Benfica e no Jacarecanga, situado a oeste da região central. As famílias que se fixaram no Benfica construíram suas casas às margens da Avenida Visconde de Cauípe (atual Avenida da Universidade), esses imóveis tinham características físicas que demonstravam o poder aquisitivos de seus proprietários.

No primeiro Boletim da Universidade a ser publicado em julho de 1956 juntamente à fotografia da fachada da Reitoria, que se pode conferir na Figura 1, constava uma descrição detalhada das dimensões do imóvel:

Sede da Reitoria da Universidade do Ceará, situada na Avenida Visconde de Cauípe, nº 2853. No primeiro plano do bloco principal – cuja fachada se vê na fotografia abaixo – encontram-se o Salão Nobre, o Salão de Reuniões do Conselho Universitário, Divisão de Contabilidade, Tesouraria, Portaria e Cantina. Nos altos, acham-se instalados o Gabinete do Reitor, Secretaria-Geral, Secções de Pessoal e Expediente, Divisão de Obras e Engenharia, Divisão de Material, Consultoria Jurídica, Direção e Redação da Imprensa Universitária. Do conjunto do prédio ainda fazem parte luxuosos e confortáveis apartamentos, destinados à hospedagem de professores e visitantes ilustres. Ao lado esquerdo, em edificações menores, funcionam as Oficinas e Almoxarifado da Imprensa Universitária. O terreno onde está localizada a sede da Reitoria, com duas esquinas e três frentes, mede 100,40 mts. na Avenida Visconde de Cauípe, 173,50 mts. na rua Treza de Maio e 96 mts. na rua Nossa Senhora dos Remédios, perfazendo um total de 15.792 m² de área, sendo 1.567 m² de área construída. (BOLETIM 1, 1956: 6)



Figura 4 – Fachada da Reitoria da Universidade do Ceará – Boletim da Universidade do Ceará, nº 1, julho de 1956. (Memorial da UFC).

No texto do Boletim, diferentemente do texto do *O Povo*, não foi usada a família Gentil como referencial para o imóvel que foi apresentado. Esse silêncio se mantém ao longo dos demais Boletins que se seguem. A menção ao nome Gentil era restrita aos

trâmites burocráticos referentes à compra e venda de imóveis pertencentes à família ou à Imobiliária José Gentil. O mesmo ocorreu nas descrições de outros imóveis que passaram a pertencer a Universidade do Ceará. Esse silenciamento pode estar relacionado à intenção, por parte da referida instituição, de construir um referencial para si buscando não se relacionar com o antigo. O caráter de novidade, de inovação e de modernidade⁴ que carregavam as ações da universidade trazia a reboque a construção de novos referenciais, tanto para a instituição que se firmava, quanto para o espaço que ela estava ocupando. Pode-se afirmar que a construção desses referenciais não se deu somente pela produção dos discursos, jornalístico ou institucional, mas também por novas dinâmicas que se estabeleceram com eventos e equipamentos que passaram a ocupar espaços no Benfica e na cidade.

Entre 1956 e 1962 foram inaugurados equipamentos que davam suporte não só ao ensino, mas também aos eventos esportivos e culturais. Foram inaugurados o Ginásio Universitário, a Concha Acústica e Auditório ao ar livre, o Museu de Arte da Universidade do Ceará (MAUC), as casas de Cultura Hispânica e Germânica⁵, sem citar as construções e expansões voltadas para a estrutura do ensino superior. Num período de seis anos o Benfica estava repleto de equipamentos destinados aos mais diversos usos e que não eram restritos aos universitários. O que trouxe para o bairro uma dinâmica diferente daquela que havia anteriormente, com a fixação da Universidade do Ceará e alguns dos seus principais equipamentos no Benfica, houve o aumento da circulação de pessoas na região. O espaço e as vivências estavam se modificando, fronteiras se desfaziam e se estabeleciam cotidianamente.

Entre as fontes utilizadas para a realização da presente pesquisa estão as entrevistas orais. O uso da metodologia de História Oral se faz não intenção de cobrir lacunas, mas de ampliar percepções acerca das diversas mudanças ocorridas no bairro a partir da interferência da universidade, buscando identificar de que maneiras as memórias, dos sujeitos e da instituição, transversalizam-se apontando lembranças, esquecimentos e silêncios. Um dos entrevistados é Cristiano de Oliveira Santos,

⁴ Entende-se que o conceito de modernidade tem diversas implicações temporais e espaciais, o uso aqui se faz por meio da constante repetição do referido termo nas fontes. Uma das principais justificativas para a criação da Universidade do Ceará era a modernização e o desenvolvimento regional.

⁵ Equipamentos voltados para a extensão universitária, nos quais eram ensinados os idiomas referentes a cada casa e alguns aspectos culturais.

autoafirmando-se como morador da Gentilândia⁶ desde a década de 1950, corretor de imóveis e membro de uma associação que se destina à preservação da memória do futebol cearense. Ao ser indagado sobre o que ele viu acontecer com o bairro com a chegada da Universidade do Ceará ele deu a seguinte resposta:

Se modernizou, porque a própria Universidade, a própria mentalidade dos estudantes começou a modificar, logo tinha o Centro... Clube dos Estudantes Universitários, chamado Céu, eu era jovem, eu não tinha... eu não era universitário, mas eu fui muito através dos meus amigos que eram universitários e me colocavam pra dentro dos bailes. Então isso já foi uma coisa boa pra nossa juventude, né, esses bailes que aconteciam lá nós íamos muito, os jogos universitários, isso aqui começou a ter mais movimentação. (ENTREVISTA 1)

Na fala de Cristiano Santos é possível perceber que a instalação da Universidade do Ceará no Benfica modernizou o bairro e modificou algumas formas de lazer e vivência da juventude. Nesse trecho da sua narração, a modernização do bairro se relacionou com a possibilidade de assistir aos jogos universitários e participar dos bailes promovidos pelo CEU. Vale ressaltar que a memória de Cristiano Santos referente ao nome do espaço em questão demonstra que alguns dos ambientes criados pela universidade faziam parte do cotidiano dele e, provavelmente, de seus pares. Isso chama a atenção por se tratar de uma nomenclatura que se reduziu apenas à sua abreviação, pois grande parte dos estudantes que desse lugar partilham atualmente não sabem o que significa a sigla CEU, o mesmo ocorre por parte da instituição, pois não há nenhuma placa que passe tal instrução. Desse modo, a memória relativa ao espaço praticado por Cristiano Santos e seus amigos está atravessada da nomenclatura oficial dada pela universidade, que tanto dá ideia de posse daquele espaço, quanto de delimitação de fronteiras.

Ao mesmo tempo em que a Universidade do Ceará criava espaços de convivência, estabelecia e ressignificava dinâmicas de fluxos e fixos novos e antigos, algumas resistências também surgiam. Francisco de Andrade Barroso, em seu livro de memórias *Benfica de ontem e de hoje* (2004), fez um grande esforço ao compilar vasta gama de informações sobre o bairro, suas edificações, seus moradores, suas ruas, abrangendo eventos do final do século XIX até a década de 2000. Em sua narrativa, Barroso descreve características físicas do bairro, formas de vivências de diferentes

⁶ Bairro oficialmente delimitado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza desde 2002, territorialmente ele é um bairro dentro de outro bairro, o Benfica. A nomenclatura faz relação com a família Gentil e os inúmeros imóveis destinados à locação que pertenciam à família, dos quais se originou um clube social e esportivo, o Gentilândia Clube.

épocas e também adjetiva algumas ações e modificações ocorridas no território por ele narrado. Algumas dessas adjetivações são dirigidas às modificações operadas pela universidade. Em uma passagem de seu livro, ao falar sobre a mudança de local do Colégio Agapito dos Santos ele toca na sua relação com o nome da avenida em que o colégio se situa:

O professor Francisco José Soares, quer em razão do contratempo representado pelas obras do Metrofor – que inviabilizaram o acesso ao antigo endereço, quer pela pressão do Hospital SOS, que queria adquirir a sede anterior, terminou por transferir o Colégio (Agapito dos Santos), aproximadamente em 1994, para a mesma rua nº 1615, e, depois, para a própria **Avenida Visconde de Cauípe (desculpem-me os que preferem chamá-la da Universidade)**. (BARROSO, 2004: 46) (Grifo nosso).

No fragmento citado acima a parte em negrito destaca aquilo que Bresciani e Naxara definem por ressentimento: um sentimento que está ligado à memória e, normalmente, vem à tona num momento de tensão (2004). Que tensão seria essa que poderia ter trazido à tona esse ressentimento referente ao nome dado à avenida? Para além da narrativa, as temporalidades envolvidas na tessitura dessa devem ser levadas em consideração. A mudança do nome da Avenida Visconde de Cauípe para Avenida da Universidade ocorreu em 1965, na comemoração dos 10 anos de instalação da UFC, por que, quase 40 anos depois, Barroso se recusa a usar a nomenclatura que faz referência à instituição de ensino? Vale ressaltar que na ocasião da publicação do seu livro de memórias comemorava-se os 50 anos da lei de criação da Universidade do Ceará. De algum modo, suas palavras podem se situar numa via que vai de encontro às comemorações do cinquentenário da universidade. As temporalidades, as memórias e os ressentimentos transversalizam-se nesse trecho supracitado evidenciando tensões e conflitos que se estabeleceram com a instalação da universidade no Benfica. Como salientou Durval Muniz, em palestra ministrada no III Colóquio Nacional de História Cultural e Sensibilidades (2013), “a saudade não é um sentimento desprezioso, ele está carregado de intenções”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre espaço e memória se mostram bastante latentes com as modificações operadas pela instalação da então Universidade do Ceará, tendo em vista

que se estabeleceram formas de vivenciar, de caminhar, de praticar os espaços ocupados pela referida instituição. Ao passo que isso estava se estabelecendo, diferentes formas de assimilação daquilo que ocorreu/ocorre também surgem. Assim, tensões, conflitos e resistências também vêm à tona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória. Campinas: Ed. da Unicamp, 2011.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: SP, Editora da Unicamp, 2004.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, José Liberal de. Martins Filho, o Edificador. In: MENEZES NETO, Paulo Elpídio (org.). Martins Filho de Corpo Inteiro. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

_____. Fatores de Localização e de Expansão da Cidade da Fortaleza. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1977.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

_____. A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011b.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. De cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

GUATTARI, Félix. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. In: Espaço & Debates – Revista de estudos regionais e urbanos. Nº 16. São Paulo: NERU, 1985.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Vértice, v. 2, n. 3, 1989. pp. 3-15.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. Pensando o Espaço do Homem. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012b.

_____. Da Totalidade ao Lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012c.

VIANA, Carlos Negreiros. José Gentil Alves de Carvalho e o Banco Frota Gentil. In: Revista do Instituto do Ceará p. 201-208. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2007.

FONTES

ALMANAQUE DO CEARÁ 1953. A. Batista Fontenele & Leopoldo C. Fontenele. Fortaleza: Tipografia Royal, 1953.

ALMANAQUE DO CEARÁ 1956. A. Batista Fontenele & Leopoldo C. Fontenele. Fortaleza: Tipografia Royal, 1956.

ARAGÃO, Paulo Maria de. Rua Carapinima: ecos e ícones. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2006.

BARROSO, Francisco de A. O Benfica de ontem e de hoje. Fortaleza, 2004.

MARTINS FILHO, Antônio. Uma Universidade para o Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004a. (Fac-similar da edição de 1949 da Editora do Instituto do Ceará).

_____. Depoimentos para a História da UFC. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004b.

_____. História abreviada da UFC: 1944 a 1967. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1996.

_____. Memórias – Maioridade II. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1994.

_____. Memórias – Maioridade I. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 1993.

_____. O Outro lado da história. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

O POVO 25/06/1956 página 1 e 2.

O POVO 26/06/1956 página 1 e 4.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 2.373 de 16 de dezembro de 1954. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L2373.htm (acessado em 09/04/2014 as 13:52).

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. A Gentilândia e o bairro do Benfica (A Vila Gentil). Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 2010. p. 9-48.

ENTREVISTA 1. Entrevistado: Cristiano de Oliveira Santos. Duração: 0:43:39. Data da entrevista: 23/07/2012. Recurso: áudio e vídeo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 1 (julho). Vol. 1. Nº 1. 1956. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1956.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 8 (setembro – outubro). Vol. 1. Nº 1. 1957. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1957.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Boletim da Universidade do Ceará nº 14 (setembro – outubro). Vol. 1. Nº 1. 1958. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1958.

